

ANTIRREPRESENTACIONISMO, RORTY E “TODO SOBRE MI MADRE”.

Edna Maria Magalhães do Nascimento¹

Introdução

A cena atual da filosofia tem um nome que sobressai: Richard Rorty (1931 - 2007). Sem dúvidas este filósofo americano trouxe grandes contribuições ao pensamento contemporâneo, estendendo suas análises para todos os espectros da cultura. Rorty foi um dos mais destacados filósofos da segunda metade do século XX. Ele reivindicou-se um *neopragmatista* ou seguidor de uma tradição que “rompeu com os velhos mapas do terreno” em termos filosóficos. Rorty, ao elencar filósofos que poderiam ser chamados de *edificantes* ou *terapêuticos*, apresenta Heidegger, Wittgenstein e John Dewey na condição de seus heróis filosóficos. Estes filósofos na condição de edificantes e terapêuticos não estão mais preocupados com a afirmação de uma verdade redentora.

Rorty desenvolveu seu pensamento fazendo objeções a um tipo específico de filosofia, isto é, a filosofia do especialista, aquela comprometida com o desenvolvimento de sistemas teóricos que supostamente descrevem o mundo de modo racional por meio de uma concepção de verdade fundamentadora de toda de realidade. No lugar destes sistemas, Rorty propõe uma filosofia de cunho político-cultural comprometida com os desafios do gênero humano nos contextos contingentes de sua existência.

A “novidade” da filosofia edificante e terapêutica é que ela não se submete às dicotomias e hierarquias filosóficas em torno dos problemas relativos à relação entre “mente e mundo”, “racional e sensível”, “interno e externo” ou de estereótipos sociais. Rorty considerou estes dualismos como uma espécie de pseudoproblemas, que nada contribuem no esclarecimento das questões filosóficas de nosso tempo. Os filósofos, que merecem o elogio de Rorty, têm um entendimento que tanto a filosofia quanto a literatura ou cinema, tem contribuições importantes para a nossa reflexão do cotidiano e

¹ Prof^a Dr^a Edna Maria Magalhães do Nascimento- Universidade Federal do Piauí/ Departamento de Fundamentos da Educação – DEFE/CCE – Centro de Ciências da Educação; Programa de Pós-Graduação em Filosofia – PPGFIL/UFPI e Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO. Email: magaledna@yahoo.com.br

para a resolução de nossos problemas. Portanto, este espírito filosófico rortiano está vinculado a uma dimensão pragmática da vida.

Como base nesta orientação teórica pode-se dizer que vários textos literários e o próprio cinema são estratégias extraordinárias para a realização do pensar sobre a condição humana. Neste sentido, proponho um diálogo da filosofia rortiana com o cinema, especialmente, a respeito do filme do cineasta espanhol Pedro Almodóvar, “Todo sobre mi madre”, de 1999, ganhador do Oscar de Melhor filme estrangeiro pela Academia de cinema.

Antirrepresentacionismo e “Todo sobre mi madre”.

Do espectro filosófico pode-se classificar a abordagem do cineasta Pedro Almodóvar, no filme “Tudo sobre minha mãe” como uma narrativa de transtextualidade, fundada na humanidade de seus personagens, que se revelam para além das representações sociais em torno do que é certo ou errado; Para além de lugares comuns ou de estereótipos construídos à luz do modelo ideal de família.

O filme conta a história de Manuela (Cecília Roth), uma mãe solteira que vive em Madri (Espanha) e que leva seu único filho Esteban (Eloy Azorin) para assistir a uma encenação da peça: *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, para comemorar o seu aniversário de 17 anos. No término da apresentação, Esteban convenceu sua mãe a aguardar a saída das atrizes a fim de conseguir um autógrafo de Huma (Marisa Paredes). Ambos aguardavam debaixo de chuva até que Huma e Nina saíram em direção a um táxi, provocando uma grande ansiedade em Esteban. Foi necessário que o jovem corresse em direção aquele carro a fim de conseguir o tão sonhado autógrafo. Havia um sonho em questão que se findou naquele mesmo dia. Ao perseguir aquele táxi, Esteban foi atropelado em um cruzamento, tendo como testemunha do fato, única e exclusivamente, sua mãe.

Manuela vai a Barcelona à procura do pai de seu filho, uma travesti chamada Lola, que não sabe que tem um filho. Primeiro ela encontra sua amiga, Agrado, também travesti; através dela ela conhece Rosa, uma jovem freira que está de partida para El Salvador. Quase que por acaso, torna-se assistente de Huma Rojo, a atriz que seu filho admirava.

Almodóvar tece uma magnífica tapeçaria de feminilidade com um retorno carinhoso aos clássicos do teatro e cinema nesta história comovente de amor, perda e

compaixão. O filme nos oferece uma possibilidade de trazer temas relevantes e pertinentes da nossa cultura, tais como: as questões de gênero, a construção do gênero, a violência contra as minorias, o universo do feminino em todas as suas dimensões. Almodóvar faz uma grande homenagem às mulheres do cinema neste belíssimo filme. São homenageadas atrizes como Bette Davis de *A malvada*, à Romy Schneider de *l'Important c'est d'aimer* e à Gena Rowlands de *Noite de estreia*, de Cassavetes”.

Conforme a crônica jornalística da época em que o filme foi lançado, a melhor reflexão sobre *Tudo sobre minha mãe* foi um comentário espontâneo de Catherine Deneuve na saída da estreia do filme no festival em Cannes de 1999: “Pedro tem razão, os homens não são necessários”. Para dimensionar o feminino do filme, podemos sim afirmar que os homens não são necessários, mas as mulheres sim, e não apenas as mulheres de La Mancha da infância de Almodóvar, mas todas aquelas que têm que sobreviver ao machismo, representando, fingindo, ocultando e procurando a bondade de desconhecidos.

O filme faz um desfile da condição feminina expressa em todos os personagens e vai rompendo o representacionismo e os estereótipos culturais consolidados sobre o papel da família, da mulher, da religião. Manuela era enfermeira, tinha um único filho e cozinhava muitíssimo bem. Outras informações sobre ela poderiam ser encontradas no caderno de anotações de Esteban, no qual novas notificações iam sendo inclusas diariamente a fim de responder a seguinte indagação: quem é esta mãe? Trata-se aqui de um filho que elaborava uma linguagem enquanto tentativa de pôr em palavras e organizar uma fala autêntica sobre sua mãe.

Embora se discuta aqui a predominância do universo da mulher, faltava ao jovem Esteban uma representação da figura paterna. Entretanto, não significa um pai real ou sua presença física, mas um pai simbólico, aquele que é a localização do desejo materno. Esteban pedia a Manuela que lhe contasse sobre a história de seu pai, e ela recusava-lhe a apresentar um discurso a respeito dele.

Sem sombra de dúvidas pode-se afirmar que *Tudo sobre minha mãe* é um melodrama sem complexos intelectuais que ‘expulsa’ o homem da cidade das mulheres almodovarianas e recria um gênero cinematográfico clássico a partir da transgressão de absolutamente todos os tabus fabricados sobre o amor, o sexo, o casal, a maternidade e a família burguesa.

A filosofia antirrepresentacionista tem a missão de desconstruir o estabelecido e revelar como as mulheres que vivem sós, precisam ser atrizes magníficas para conseguir

serem donas de sua própria solidão e, atrizes como a Huma do filme, a tremenda Marisa Paredes, que fingem ter companhia para melhor representar nas telas a ideia fundamental da solidão feminina.

A ousadia temática e estética do filme “Tudo sobre minha mãe” pode sugerir o alinhamento de Almodóvar a uma postura pós-moderna nos termos da filosofia neopragmatista. Os personagens são os materiais vivos do presente e do futuro da condição humana. Alguns críticos escreveram sobre a pós-modernização do melodrama a propósito desse filme, aplicando a Almodóvar o estigma pós-moderno da agitação madrilenha. O filme é *trans*, em todos os sentidos de aplicação deste prefixo, sobretudo, como uma categoria de mudança: Trata do “trans” da transexualidade, de transplantes, da transmissão de sentimentos e de vírus, da transtextualidade. Por isso, a identificação com a ideia de que o filme é um melodrama transgressor da transmodernidade.

Filosofia e Cinema – estratégias de redescrição em Rorty e Almodóvar

Rorty assim como Almodóvar abrem mão, seja na filosofia seja no cinema respectivamente, do auxílio de um método rigorosamente estabelecido e passam a adotar uma visão revolucionária que os aproximam mais da história cultural ou de uma narrativa que conta histórias das grandes metáforas. Rorty e Almodóvar trazem de volta as lições das tragédias gregas cujo ensinamento prescindia das racionalidades. Estes autores, cada um em seu campo específico, contribuíram desfazendo os “pseudoproblemas” filosóficos, revelando os pressupostos por trás dos vocabulários. Rorty poderia dizer que uma obra com a qualidade filosófica do filme “Tudo sobre minha mãe” nos revela que não devemos mais nos preocupar com os temas centrais da epistemologia como “Verdade” e “Sentido”. Cabe agora, não mais voltar às suposições clássicas entre verdade e falsidade, mas adotar uma postura terapêutica em termos de conhecimento (RORTY, 1979, p.14).

Neste sentido, Rorty declarou:

Sob a perspectiva pragmatista que estou apresentando o que chamamos de “conhecimento incrementado” não deveria ser entendido como um acesso incrementado ao Real, mas como uma capacidade incrementada de fazer coisas – de tomar parte de práticas sociais que tornam possíveis vidas humanas mais ricas e mais plenas (RORTY, 2009, p.184).

Rorty argumentava que a filosofia ao invés de preocupar-se com as questões de natureza epistemológicas sobre representacionismo e não representacionismo faria melhor se discutisse como esta ou aquela política social e cultural descreve de forma mais adequada à realidade. O filme *“Tudo sobre minha mãe”* é um texto antirrepresentacionista; abandona qualquer concepção de mundo e de homem/mulher estritamente limitada à objetividade científica. O caráter transgressor possibilita segundo Rorty, extrair desta narrativa um “conhecimento incrementado” capaz de tornar “vidas humanas mais plenas”.

Ao admitir que a justificação das crenças (conhecimento) se dar em práticas sociais efetivas, Rorty esclarece que para justificar uma crença é preciso avaliar seu desempenho em relação às crenças alternativas. Quanto melhor o desempenho da crença, quanto mais adequada e resistente ao processo argumentativo, mais pertinente para ser candidata a uma explicação da realidade. Rorty argumenta que quanto mais a filosofia sistemática sai em busca da racionalidade e objetividade em termos de “representação acurada” da realidade, mas ela se mostra enganadora.

Almodóvar por sua vez construiu personagens que nos possibilitam duvidar das crenças que não encontram justificativas plausíveis para sua existência, uma vez que o cineasta indica crenças alternativas para a explicação das relações familiares, sociais e de gênero. No filme há uma hegemonia do feminino, não no sentido matriarcal, mas no sentido de exaltação de vocabulário da mulher, com seus dramas, limites e medos. Desfilam para nós seres metafóricos, nos desafiando em nossas velhas crenças e nos obrigando uma posição de empatia em relação às situações fora do escopo das nossas áreas de conforto.

Parece-nos que o filme Almodóvar segue o roteiro rortiano, segundo o qual é preciso sair do âmbito da comensuração (objetividade) e reivindicar a filosofia edificante, ou seja, aquela que ajuda as pessoas e a sociedade a se livrarem de atitudes e vocabulários desgastados pelo tempo. Nesse sentido, Rorty não acreditava numa correspondência direta entre o pensamento e o mundo, por isso, considera-se “antidualista, antiplatônico e antifundacionista” (é contra a ideia de que a filosofia paira acima da história e das práticas sociais e tem a função de fundar o conhecimento).

Rorty trouxe a filosofia de volta ao teatro, ao cinema e à literatura, pois para este autor estes vocabulários são mais eficazes que as teorias filosóficas. Nestes termos, Almodóvar poderia ser considerado um pensador edificante e terapêutico. Rorty

argumentou ser preciso construir estratégias redescritivas da realidade; a redescrição consiste numa tarefa de imaginação, para redescrever a nós mesmo, aos outros e ao mundo. Almodóvar, assim como Rorty, desmontam os dualismos e estereótipos do pensamento ocidental. Ao contrário da sua naturalização, estes são considerados processos históricos decorrentes de uma rígida separação que se deu, em duas esferas, a qual se convencionou que uma delas seria mais elevada, superior e a outra considerada baixa e inferior. A esfera superior da contemplação recebeu o nome de “espiritual” e atendeu aos interesses sociais dominantes e a esfera inferior do “físico”, se ajustava a tudo que era inerente à matéria e ao mundo da percepção, não ao da razão ou da revelação².

Na visão de Rorty, uma filosofia que limite-se a tentar descrever objetivamente o mundo, tal qual um espelho mental, está fadada ao fracasso. As questões filosóficas sobre a condição humana irão encontrar na poesia, na literatura, no cinema, por exemplo, formas mais atrativas de descrições. Para este filósofo, o poeta forte é aquele que quebra, inventa vocabulários novos, e, dessa maneira, tem uma liberdade maior; produz com sua narrativa uma sensibilidade que o leitor não possuía. Sob a égide desse argumento, Rorty indica o caminho da narrativa, da imaginação e da redescrição (RORTY, 2009).

O filme “*Tudo sobre minha mãe*” pode ser considerada uma narrativa *edificante e terapêutica*, na medida em que Rorty utiliza o termo *edificante* para se referir a um determinado tipo de filosofia que busca encontrar novas, melhores e mais interessantes maneiras de falar de nós mesmos e dos outros. Edificante é o pensar que se apoia em um projeto aberto ao diálogo com os vários ramos da cultura. Almodóvar, em sua opinião, seria um cineasta edificante, engajado em projetos culturais diversos e centrado na suspeita em relação às pretensões da epistemologia tradicional.

A prática da filosofia deve ser entendida como uma atividade que articule os diversos ramos do saber, que junte novos desenvolvimentos culturais com regras familiares aceitáveis, ou seja, que reúna perspectivas éticas, políticas e sociais com a ciência, por exemplo. Rorty propõe uma filosofia capaz de reconciliar a ciência newtoniana com a ética cristã ou o iluminismo e o racionalismo com uma perspectiva darwiniana da origem humana³. Uma filosofia que unifique os diversos ramos da

²RORTY, Richard. **Philosophy and the Mirror of Nature**. Princeton: Princeton University Press, 1979, p. 06.

³RORTY, Richard. **Entrevista à Folha de São Paulo**. Jornal Folha de São Paulo: 19/04/1994.

atividade humana, os diversos vocabulários, enquanto explicações possíveis dentro de limites sociais e históricos.

Pode-se afirmar que o neopragmatista e o cineasta estavam preocupados em analisar como a sociedade poderia se manter para além do autoengano, uma posição típica de quem discute uma tradição em decomposição. Rorty elogia aqueles pensadores que, são obstinados pela construção de uma sociedade democrática na qual, ao invés de a filosofia ficar presa as noções de *representação da realidade*, ela deve dar lugar a novas considerações; ao invés de buscar o ideal de objetividade na cognição do mundo, dar lugar à ideia de *aperfeiçoamento estético*. Em suma, uma sociedade em que todas as áreas do conhecimento, inclusive, as artes e as ciências, pudessem ser consideradas “as flores espontâneas da vida”⁴.

Rorty se insurgiu contra uma teoria do conhecimento do tipo análoga ao ato da visão. A falsa ideia de um sujeito espectador é o resultado inevitável dessa teoria. A noção de essência especular, que foi descrita por Rorty como “alma intelectual”, não é uma novidade conceitual. A imagem mais cativante da filosofia tradicional foi a da mente como um grande espelho com as mais variadas representações do mundo, algumas exatas, outras não, a serem investigadas por métodos puros, não empíricos.

Rorty demonstrou que para tradição platônica, a mente é uma espécie de olho interno, o noûs que apreende o universal (theoria). Por esta teoria a capacidade de apreensão nos dotaria de uma essência especular. Na visão cartesiana, um olho interno inspeciona as representações mentais; a consciência pensante produz certeza e verdades indubitáveis. Assim supostamente a consciência seria à faculdade que produz representações acuradas. Essa “essência especular” é uma noção que Rorty considera perfeitamente dispensável, uma vez que dela deriva a noção metafísico-epistemológica de exatidão da representação como fonte da verdade. Ao contrário desta imagem, Rorty nos diz que não precisamos dela, não precisamos de espelho interno; não há nenhum mistério concernente à relação desse espelho com nossas partes mais prosaicas.

Para o neopragmatista, é preciso desistir das metáforas oculares e insistir em maneiras não representacionais de descrever o pensamento e a linguagem, até porque é necessário eliminar o equívoco entre *o fato de conhecer as coisas* e *o fato de fazer uso delas*⁵.

⁴DEWEY, John. **Reconstuction in Philosophy**. Boston: The Beacon Press,1957, p. 213.

⁵NASCIMENTO, Edna M.M do. **Dewey e Rorty: da metafísica empírica à metafísica da Cultura**. Teresina, EDUFPI, 2014.

Rorty vê todos os perniciosos dualismos da tradição filosófica como resquícios exemplares da divisão social entre os que contemplam e os que fazem ou entre uma classe ociosa e uma classe produtiva. O que está errado com a filosofia tradicional é resultado de uma concepção de mundo que emergiu de uma sociedade desigual e serviu aos seus interesses⁶.

Rorty identifica-se com um pensamento que não aceita que a filosofia se transforme num objeto atemporal distinto (filosofia disciplinar); não estava de acordo que a filosofia fosse detentora de algum método que pudesse nos dar uma “garantia metafísica e epistemológica”; não concordaria com a pretensão da filosofia em fornecer um fundamento que fosse além da ciência, da arte e da religião; não aceitava que a ciência deveria erradicar todo o textualismo, como também não estava de acordo que a história intelectual só teria importância por conta dos filósofos da tradição que provocaram as atuais controvérsias da filosofia e, por último, não estava de acordo com os critérios que seus pares defendiam para avaliar uma tese filosófica.

O neopragmatista afirmava que filósofos terapêuticos e edificantes são como os literatos e os poetas, revolucionários por essência. São pragmáticos e historicistas.

Compartilham das seguintes crenças: primeiro não existe um modo sistemático, epistemológico de dirigir, criticar ou subscrever o curso das investigações; segundo, não há uma diferença metafísica entre fatos e valores, nem uma diferença metodológica entre moralidade e ciência e, terceiro, não há restrição na investigação, salvo as conversações. Estes filósofos edificantes nos fazem lembrar que um vocabulário útil e novo é justamente isto e não uma busca não fundamentada em crenças transcendentais⁷.

Segundo Rorty os pensadores que rejeitam a distinção grega entre *ação* e *contemplação*, sabem que esta distinção resultou nas “ninhadas” de dualismos que alimentaram todas as instituições e forneceram os problemas da filosofia. No livro *Contingência, Ironia e Solidariedade* (1989), Rorty discute como a *ironia pragmática* procuraria reconciliar-se com as exigências do liberalismo. Neste livro, ele esboça as pistas que nos conduziriam a uma “comunidade liberal utópica” marcada pela presença de indivíduos com características de “ironista liberal”. O conceito de liberal diz respeito

⁶RORTY, Richard. **Pragmatismo**: a filosofia da criação e da mudança. Organizadores Antonio Marco Pereira e Cristina Magro. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 30.

⁷RORTY, Richard. Overcoming the tradition: Heidegger and Dewey. In: **Consequences of Pragmatism**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

àquele que possui aversão a todo tipo de crueldade e defende a solidariedade, enquanto o ironista seria a pessoa livre das crenças em verdades estacionárias que estão sempre dispostas à redescrições da realidade. O “ironista liberal” tem a tarefa de autoconstrução torna-se autônomo e autor de si. Rorty declara que o trabalho filosófico não consiste em examinar somente os prós e os contra de uma tese, mas é preciso descobrir muitas coisas novas. Por exemplo, novas maneiras de criar um padrão de uma conduta linguística que incitará às novas gerações a adotarem⁸.

Em sua luta para sair do campo disciplinar e técnico em filosofia, o pragmatista demonstrou apreço pelos revolucionários europeus do século XVIII, pelos pragmatistas clássicos e pelos poetas românticos porque foram pensadores que apostaram na “redescrição”. Acrescentamos a lista de Rorty a estética pos-moderna, antirrepresentacionista do cinema de Almodóvar. Em virtude desta constatação Rorty crê que uma mudança de vocabulário aliada à mudança social pode criar um novo ser humano.

Considerações Finais

A estética do cinema de Pedro Almodóvar, especialmente, no filme *Tudo sobre minha mãe*, trata-se de produção artística de cunho pós-moderna; uma ousada e extraordinária oportunidade de filosofar sobre as nossas contingências. Um filosofar que mistura o masculino e o feminino, que propõe uma superação de estereótipos sobre gênero, sobre as pessoas homoafetivas, que denuncia a violência contra as minorias. Que enquanto metáfora desafia as narrativas que subordinaram à condição feminina a uma situação de inferioridade. Almodóvar pode ser chamado de antirrepresentacionista, antifundacionista, antiessencialista, mas o conceito rortiano que mais lhe cabe é o de *ironista liberal* - diz respeito àquele que, enquanto ironista, sabe da sua limitação, finitude e não quer ser a consciência do mundo. Na condição de autor, pensador ou filósofo tem aversão a todo tipo de crueldade e defende a solidariedade; enquanto ironista seria a pessoa livre das crenças em verdades estacionárias.

Rorty em todos estes escritos adotou um estilo retórico particularmente singular. O pragmatismo foi o denominador comum em suas interpretações filosóficas. O filósofo partiu de uma constatação da necessidade de superação da filosofia mentalista que

⁸ RORTY, Richard. **Contingência, Ironia e Solidariedade**, São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 9.

predominou desde a era moderna. Rorty busca evitar o retorno destas questões para não repetir o que fez a filosofia tradicional. Rorty prefere propor uma nova etapa da filosofia, uma etapa pós-filosófica. Seu propósito é superar as categorias clássicas da filosofia que, segundo ele, não encontram mais respaldo frente a um novo método disponível para as ciências sociais, que é representado pela hermenêutica. Esse método favorece a possibilidade de ampliar a compreensão da realidade, uma vez que pretende sair do campo da *comensuração*⁹ e ingressar no da conversação.

Por fim, Rorty pretendeu realizar uma desconstrução da filosofia como disciplina opondo-se tanto à tentativa de oferecer explicações sistemáticas e fundamentadoras da realidade quanto à ideia de trazer a aplicação do método científico para seu domínio. Ao se aliar à vertente linguística, Rorty aceita a ideia de que é mais útil oferecer novos dispositivos teóricos, tais como o que ele chamou de “cultura literária” que envolve a transtextualidade do que ficar preso ao campo da comensuração. Assim, defende, para a etapa atual da história do pensamento, uma vertente “textualista”, segundo a qual o vocabulário da ciência é apenas um entre tantos outros, pois a nossa disposição está o vocabulário da estética seja no cinema, literatura e outras mídias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DEWEY, John. **Reconstruction in Philosophy**. Boston: The Beacon Press, 1957, p. 213.
- NASCIMENTO, Edna M.M do. **Dewey e Rorty: da metafísica empírica à metafísica da Cultura**. Teresina, EDUFPI, 2014.
- RORTY, Richard. **A Filosofia e o Espelho da Natureza**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995 [1979], p. 14
- _____. **A filosofia e o espelho da natureza**. Trad. Antonio Trânsito; revisão César Ribeiro de Almeida. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. p.193.
- _____. **Filosofia como política cultural**. Tradução João Carlos Pijnappel. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 335.
- _____. **Pragmatismo: a filosofia da criação e da mudança**. Organizadores Antonio Marco Pereira e Cristina Magro. Belo Horizonte: UFMG, 2000, p. 30
- _____. **Overcoming the tradition: Heidegger and Dewey**. In: **Consequences of Pragmatism**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.
- _____. **Contingência, Ironia e Solidariedade**, São Paulo, Martins Fontes, 1989, p. 9.
- _____. **Objectivity, Relativism, and Truth**, Cambridge: Cambridge University Press, 1991, p. 221.
- _____. **Entrevista à Folha de São Paulo**. Jornal Folha de São Paulo: 19/04/1994.
- STRAUSS. **Conversas com Pedro Almodóvar**. São Paulo: Zahar, 2008.

⁹O termo ‘comensurável’ é usado por Rorty para indicar a objetividade, ou seja, um conjunto de regras impostas para o consenso racional.